

A trajetória de Edna Pontellier: um rito de iniciação às avessas

Maria Eloísa Zanchet Sroczynski*

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura simbólica do romance norte-americano *The awakening*, escrito por Kate Chopin (Kate O'Flaherty Chopin), em 1899. Partindo das considerações teóricas de Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o profano*, o estudo analisa a personagem principal, Edna Pontellier, discutindo sua trajetória como um rito de iniciação "às avessas", uma vez que o simbolismo de sua ressurreição não corresponde a um retorno à vida, mas se dá pela morte.

Dividido em três partes, o trabalho enfoca: a) a recepção da obra no contexto de sua época, responsável por mais de meio século de anonimato que envolveu o romance, devido a temas polêmicos que aborda, como a busca da individualidade feminina, as tensões entre as imposições familiares e o erotismo, os preconceitos morais e culturais existentes; b) um rápido resumo do romance; c) e, especificamente, o percurso vital da personagem como um rito iniciático, "às avessas", da busca desenfreada pela liberdade.

Palavras-chave: *The awakening*, rito de iniciação, mito, morte, feminismo, liberdade.

Abstract: This work proposes a symbolic view of the American novel *The awakening*, written by Kate Chopin (Kate O'Flaherty Chopin), in 1899. From the theoretical considerations of Mircea Eliade, in his book *O Sagrado e o profano* (The Sacred and Profane), the study analyses the main character, Edna Pontellier, discussing her life's path as a "topsy turvy" rite of initiation, since the symbolism of her resurrection does not correspond to a return to life, but it happens through death.

Divided in three parts, the study focuses on: a) the reception of the work in the context of that time was responsible for more than half a century of anonymity for the novel which dealt with polemic themes such as the search for feminine individuality; the tensions between familial expectations and personal sensuality, and the existing cultural and moral prejudices of that period; b) a

*Professora de Língua e Literatura Inglesas da URI, *Campus* de Frederico Westphalen-RS. mestranda em Linguística Aplicada, na UCPEL

brief summary of the novel; c) specifically, the vital direction of the character as an upside down rite of initiation in the unbridled search for freedom.

Key-words: *The awakening*, rite of initiation, myth, death, feminism, freedom.

1. *The awakening*: a recepção da obra

Publicado em 1899, por Kate Chopin (Kate O'Flaherty Chopin¹), *The Awakening* surpreende o público e a crítica.

Um romance no qual se explora a individualidade da mulher, em que se celebra a sexualidade feminina, em que se discutem as tensões entre as imposições do casamento e os desejos eróticos, em que se questionam os mitos da maternidade, provoca reações hostis considerando-se, principalmente, os arraigados preconceitos sociais e os padrões morais concernentes ao contexto no qual a obra estava inserida.

Despite social and political advances,

women in the 1890s still encountered disadvantages in almost every aspect of their lives, and a majority of the populace still believed that a woman's most sacred duty was to be "the angel in the house". (...) A novel exploring the consequences of personal - particularly sexual - freedom for the married woman, appearing as it did in a decade much preoccupied with the New Woman in its midst, was certain to provoke strong reactions.²

A forte rejeição da imprensa e dos meios literários ao conteúdo do romance (a dangerous book) fizeram com que a autora não mais se recobrasse das humilhações sofridas. Na época em que o romance foi escrito, o Código Napoleônico ainda era a base legal que regia os contratos matrimoniais. "All of a wife's 'accumulations' after marriage were the property of her husband, including money she might earn and the clothes she wore."²⁻³

Embora alguns Estados americanos permitissem o divórcio, no Estado da Louisiana, predominantemente católico, este era considerado um escândalo e raramente ocorria, principalmente entre os "Creoles" (descendentes de franceses ou espanhóis nascidos em Louisiana).

A primeira biografia de Kate Chopin, publicada em 1932, por Daniel S. Ranking, não vê *The Awakening* com simpatia, considerando-o "exotic in setting, morbid in theme, erotic in motivation". O autor interpreta a escritora como uma vítima da literatura romântica e diz que o suicídio da protagonista é um testemunho do fato que "human nature can be a sickening reality."⁴

¹ Kate O'Flaherty nasceu em St. Louis em 1851. Em 1870, casou-se com um proeminente negociante de Louisiana, de tradicional família "Creole" e mudou-se para New Orleans. Teve seis filhos e, com a morte do marido, em 1880, assume os negócios e o controle familiar. Retornando a St. Louis, dedica-se seriamente à literatura. Seu primeiro romance, *At Fault*, (1890) é seguido por dois livros de contos. *Bayou Folk* (1894) e *A Night in Acadia* (1897). Quando *The Awakening* é publicado, Kate Chopin é uma escritora amplamente conhecida através de suas publicações em jornais e revistas americanas da época. Morreu em 1904.

²CULLEY, Margaret. The context of the *Awakening*. In: Culley, Margaret (ed.). **The Awakening: A Norton Critical Edition**. Toronto: W. W. Norton & Company, 1976, p. 119.

³*Id.*, *ibid.*, 118.

⁴ RANKING, Daniel S. **Kate Chopin and her Creole Stories**. Philadelphia: Univ. Of Pennsylvania Press, 1932, p. 171-6.

Apontamentos, análises, comentários e críticas literárias⁵ publicadas em revistas e jornais contemporâneos à obra, dão conta da apreciação negativa, responsável por mais de meio século de anonimato que envolveu o romance: a) *Daily Globe-Democrat* (St. Louis, May, 1899): "It is not a healthy book..."; b) *The Mirror* (May, 4, 1899): "...what an ugly, cruel, loathsome monster Passion can be..."; c) *Post-Dispatch* (St. Louis, May, 20, 1899): "Nothing is wanting to make a complete artistic whole (...) flawless art"; d) *Times-Herald* (Chicago, 1899): "But it was not necessary for a writer of so great refinement and poetic grace to enter the overworked field of sex fiction."; e) *Sunday Journal* (Providence, 1899): "The purport of the story can hardly be described in language fit for publication. We are fain to believe that Mrs. Chopin did not herself realize what she was doing when she wrote it."; f) *Times Democrat* (New Orleans, June, 1899): "A woman (...) fails to perceive that the relation of a mother to her children is for more important than the gratification of a passion."; g) *Sunday Times* (Los Angeles, June, 1899): "...unhealthily introspective and morbid..."; h) *Leader* (Pittsburg, July, 1899): "A Creole Bovary is this little novel of Miss Chopin's."

Posteriormente, com o advento do New Criticism (1950), alguns estudos foram retomados e muitas obras - como *The*

needs and spends his free time away from his family pleasing himself.

Edna Pontellier, the central character is an American woman who cares little for social custom and appearances, who longs for a new beginning, a sense of purpose, an awakening of the inner passion and desire to be wanted for herself and to be accepted as a person.

Her relationship early in the story with her children is one of typical motherly duty but she waivers between duty and ignoring them

Awakening - foram resgatadas do anonimato, assumindo posições de vanguarda enquanto precursoras do Modernismo americano. Recentemente, com os enfoques sobre "gênero", a obra de Kate Chopin tornou-se leitura obrigatória para estudantes iniciados e especialistas na área de Letras. Como afirma Wendy Martin: "It is ironic that Edna Pontellier sacrifices her life for the ideal of personal freedom; nevertheless, her suicide indicates that personal autonomy is not an ineffable ideal but a priority that is deeply embedded in American life."⁶

2. *The awakening*: summary

The Awakening is a beautifully written tale, full of imagery and social content that takes place in the State of Louisiana during the Victorian era of the late 1800's. The story revolves around two central characters, Mr. and Mrs. Pontellier, who have two children but lead emotionally separate lives. Mr. Pontellier, a Creole aristocrat is totally absorbed in his business interests and the social customs and pretensions of the time. He constantly chastises his wife for being inattentive and neglectful to the children and worries about how this will be perceived by others. He is emotionally distant from his wife's

completely in her search for meaning and justification.

⁵ In: CULLEY, Margaret. *Op. cit.*, p. 145

⁶MARTIN, Wendy (ed.). **New essays on the Awakening**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 28.

At the Pontelliers summer retreat she meets a young man named Robert Lebrun and they spend a great deal of time together. A close bond is formed between them until he decides to find his business future and leaves suddenly for Mexico. Edna is devastated by this and seeks solace and support from her women friends, but finds little comfort in their company and turns to another young man - Alcee Arobin.

She responds to this romantic advances on a physical level, but she dares not open herself emotionally while still waiting for Robert's return.

She decides to move out of the family home and find a place of her own while her husband and children are away; a move to assert her independence and growing awareness of her own needs. Mr. Pontellier responds in a negative way, although he still clings to the belief that they will go abroad on a trip. He protects his reputation by announcing this in the newspaper. Again he is a prisoner of the social customs of that era where no married woman leaves the family home.

After Robert returns from Mexico he ignores Edna who despairs again about his intention towards her. She reproaches him about his lack of attention and he finally confesses his love for her. Her marriage was the reason he went to Mexico. For the first time Edna is happy and her tormented soul is at peace. A woman friend of Edna's who is giving birth needs Edna to be there and she asks Robert to wait for her until she returns. Saddened and exhausted by her friend's suffering Edna returns to find Robert has gone, leaving only a note which says: "Goodbye because I love you". Despondent, she realizes that now she is totally alone and in one last act of both independence and defiance she plunges into the ocean where now nobody could possess her body and soul. She was now alone with her fears and her memories.

3. Um rito de iniciação às avessas

Quando discute as recorrências do sagrado nas sociedades modernas, Mircea Eliade acentua as diferenças sobre a concepção de sacralidade inerente às sociedades primitivas e arcaicas e justifica tais diferenças dizendo que elas se explicam pela "economia, cultura e organização social - numa palavra, pela história."⁷ Entretanto, mesmo reconhecendo que as situações assumidas pelo homem religioso tenham sido ultrapassadas pela História, o teórico enfatiza que elas deixaram vestígios, os quais - camuflados ou inconscientes - ainda se manifestam, embora "esvaziados dos significados religiosos."⁸ Para o iniciado primitivo, o ideal de sacralidade era colocado num plano sobre-humano, uma vez que a iniciação se reduzia a "uma experiência paradoxal, sobrenatural, de morte e ressurreição, ou de segundo nascimento."⁹

As cerimônias primitivas de iniciação comportavam, geralmente, "uma tripla revelação: a do sagrado, a da morte e da sexualidade."¹⁰ Envolveram a separação do neófito de sua família e a submissão do mesmo a uma série de provas.

Estas provas, muitas vezes, abarcando mutilações físicas e sacrifícios simbólicos, enfatizavam a crença na necessidade de renovação. Ao introduzi-lo no sagrado, a iniciação o obrigava a "assumir a responsabilidade de homem."¹¹

⁷ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 22.

⁸*Id.*, *ibid.*, p. 166.

⁹*Id.*, *ibid.*, p. 152.

¹⁰*Id.*, *ibid.*, p. 153.

¹¹*Id.*, *ibid.*, p. 156.

No romance de Kate Chopin, a trajetória de Edna Pontellier pode ser considerada como um rito de iniciação, mas "às avessas", uma vez que sua ressurreição não ocorre, simbolicamente, por um retorno à vida, mas se dá pela morte. Sua busca desenfreada de liberdade -do corpo e da alma- encontra refúgio nas águas do mar. A viagem iniciática de Edna diz respeito a uma série de provas que envolvem a extrapolação de preconceitos sociais, a superação de medos, a quebra de convenções, a capacidade de efetuar o conhecimento por conta própria e a angústia do amor e do desejo.

Conforme Eliade, o rito de iniciação correspondia à entrada num determinado local - a cabana iniciática - onde o neófito se defrontava com o "monstro arquetípico". Assim, penetrar no ventre do monstro, ou ser, simbolicamente, enterrado ou fechado na cabana, equivalia a uma "regressão ao indistinto primordial, à Noite Cósmica."¹² Por

outro lado, sair do ventre do monstro correspondia a uma verdadeira "cosmogonia", pois permitia ao iniciado um novo nascimento.

Para Edna Pontellier, o mar corresponde, de forma simbólica, à cabana de iniciação. E através dele que Edna realiza sua primeira prova em direção à autonomia: supera os medos e aprende, sozinha, a nadar. No contexto do romance, o mar é deveras significativo, pois é a partir de suas experiências naquele verão de Grand Isle que Edna principia sua viagem iniciática: conhecer melhor a si mesma -seu corpo, sua alma- e avaliar seus sentimentos em relação aos outros e ao mundo que a cerca.

Para os estudiosos da simbologia, o mar está associado à dinâmica da vida. As águas em movimento simbolizam um estado transitório, uma situação de ambivalência que pode se concluir bem ou mal. "Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte."¹³

¹² *Id.*, *ibid.*, p.159.

¹³CHEVALIER, Jean e GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 592.

Ao apresentar os significados simbólicos de alguns arquétipos que tendem a ser universalmente associados, Guerin, Labor e Morgan especificam o mar como "a Mãe de toda Vida; mistério e infinito espirituais; morte e renascimento; infinito e eternidade; o inconsciente."¹⁴

A relação simbólica entre Edna Pontellier e o mar é muito mais profunda do que pode parecer à primeira vista. Exercendo sobre ela uma atração imensa, pois desperta seu corpo e sua alma, o mar corresponde à cabana iniciática, o lugar das provas sacrificiais: "*In short, Mrs. Pontellier was beginning to realize her position in the universe as a human being, and to recognize her relations as an individual to the world within and about her*" (p. 21). "*(...) The voice of the sea speaks to the soul. The touch of the sea is sensuous, enfolding the body in its soft, close embrace*" (p. 22).¹⁵

Entretanto, quando Edna penetra no mar e nada sozinha, a sedução da aprendizagem não se mostra tão fácil, uma vez que o pressentimento da morte se faz presente: "*She made no mention of her encounter with death and her flash of terror, except to say to her husband, I thought I should have perished out there alone*'.

Essa primeira prova de Edna configura sua caminhada rumo à autonomia. A partir daí, ela começará a despertar para sua independência, para o conhecimento de sua personalidade, para refletir sua posição enquanto mãe, esposa e mulher. Seu potencial de autonomia começa a se estabelecer quando ela, pela primeira vez, em seis anos de casada, tem a determinação de resistir ao marido: "*She perceived that her will had blazed up, stubborn and resistant. She could not at that moment have done other than denied and resisted. (...) But she could not realize why or how she should have yielded, feeling as she then did. 'Léonce, go to bed', she said. I mean to stay out here. I don't wish to go in, and I don't intend to. Don't speak to me like that again; I shall not answer you*' (p. 50).

A situação de Edna pode ser comparada à primeira personagem que é introduzida no romance de Kate Chopin: a green and yellow parrot. Tal como o pássaro, Edna não faz parte da sociedade Creole, é uma espécie de estranha no ninho; falava "*a language which nobody understood*" (p. 1); repete situações amorosas (Robert Lebrun e Alcée Arobin); está presa e acorrentada pela gaiola das convenções sociais embora, tal qual o pássaro "*whistling his fluty notes out upon the breeze with maddening persistence*" (p. 1).

A busca de realização de Edna Pontellier, quer em termos de conhecimento do seu próprio corpo, da necessidade de dar vazão aos seus desejos e à sua sexualidade; quer em relação à sua emancipação feminina - no que se refere à realização no campo da pintura e à sua independência -; quer em termos de reflexão sobre a maternidade, é mediada por várias situações e personagens.

Com Robert Lebrun, Edna vive um tempo fluido e langoroso, descobrindo que seus sentimentos se aglutinam em torno de uma profunda paixão. Esse tempo inicia em meados

¹⁴GUERIN, Wilfred L.; LABOR, Earle G. and MORGAN, Lee. **A handbook of critical approaches to literature**. New York: Harper & Row Publishers, 1966, p. 89.

¹⁵Todas as citações referentes à obra em estudo foram extraídas de: CHOPIN, Kate. **The Awakening**. New York: Washington Square Press, 1998.

de agosto e se passa em Grand Isle. Corresponde à verdadeira iniciação de Edna na descoberta do amor: "*For the first time she recognized the symptoms of infatuation...*" (p. 72). O narrador reflete que "*Her marriage to Léonce Pontellier was purely an accident, in this respect resembling many other marriages which masquerade as the decrees of Fate.*" (p. 29).

Tempos mais tarde, quando Robert vai para o México, Edna tem um caso com Alcée Arobin. Contudo, esse relacionamento não extrapola o nível do desejo físico, não atinge sua alma, não a faz vibrar pela vida, como no caso de Robert. E a resposta do corpo aos apelos do sexo, mas nada acrescenta aos desejos da alma. Embora o beijo de Arobin tenha sido "*a flaming torch that kindled desire*" (p. 136), Edna reconheceu que "*It was not the kiss of love which had inflamed her, because it was not love which had held this cup of life to her lips.*" (p. 137).

Através de Adèle Ratignolle, sua amiga, Edna consegue quebrar o puritanismo e a aridez com que sempre tinha envolvido sua vida. O charme físico dos Creole, a espontaneidade de relacionamento influenciaram-na sobremaneira. Edna mantém com Adèle uma espécie de simpatia cúmplice e consegue "*to loosen a little the mantle of reserve that had always enveloped her*" (p. 23). Dedicada aos filhos, à casa e ao marido, Adèle é a representação da verdadeira "madona", a mulher do lar, a mulher plenamente inserida nas normas e na ideologia social vigente. Quando Adèle está para dar à luz e solicita a presença da amiga, sabendo dos relacionamentos amorosos de Edna, pede-lhe que pense nas crianças. O parto de Adèle faz Edna perceber, de forma sofrida e lancinante, que a independência da mulher está limitada e será sempre impedida pela existência das crianças. Posteriormente, no último capítulo do romance, quando Edna se dirige fatalmente

para o mar, relembra a conversa com Adèle, tempos antes, sobre o significado da maternidade e o poder dos filhos em sua vida: "*She understood now clearly what she had meant long ago when she said to Adèle Ratignolle that she would give up the unessential, but she would never sacrifice herself for her children*" (p. 188).

A trajetória de Edna Pontellier pode ser lida como uma reflexão sobre o mito da maternidade e sua repercussão ao longo dos séculos. Este mito estabelece a supremacia da mãe sobre a mulher recalçando o erotismo e a sexualidade femininas a uma esfera inferior. A história de Edna é uma tentativa de desconstrução desse mito, principalmente, se for observado, como o faz Georges Bataille, que "essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação."¹⁶

Se Adèle simboliza a mulher maternal, é através da influência de Mademoiselle Reisz, uma pianista solteirona, determinada, irônica e imperativa que Edna tentará demonstrar sua vontade de independência e realização pessoal. Em New Orleans, Edna vivencia sentimentos de absoluta liberdade. Como seu marido e filhos estão longe, dedica-se a reorganizar sua vida (muda-se para uma cabana) e investe na pintura.

No ensaio que dedica ao assunto, Anne Higonnet¹⁷ explica como, no século XIX, alguns fatores impediam as mulheres de escolher qualquer tipo de carreira, ou até mesmo, de o desejarem, acentuando que no "domínio específico das artes, o factor de maior peso e mais persuasivo era o conceito de que o gênio era exclusivamente masculino."¹⁸

¹⁶BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 16.

¹⁷HIGONNET, Anne. "Mulheres e imagens". In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das mulheres no ocidente**. Porto Alegre: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991, p. 297.

¹⁸*Id.*, *ibid.*, p. 302.

A crítica salienta que "os atributos da feminilidade eram diametralmente opostos aos do gênio; uma mulher que aspirasse à grandeza artística era suspeita de trair o seu destino doméstico."¹⁹ Citando como exemplo, entre outros, a obra *The Awakening*, a ensaísta esclarece como "os valores da atividade, da imaginação, da produção e da sexualidade masculina estavam estreitamente ligados entre si e opunham-se aos valores igualmente inseparáveis da passividade, da imitação, da reprodução e da sexualidade feminina."²⁰

Anne Higonnet pondera, igualmente, que no caso das artes visuais, o amadorismo funcionava e, em geral, servia "mais para impedir do que para acelerar o acesso da mulher a um estatuto profissional."²¹ As colocações da ensaísta auxiliam a interpretar a conversa, no romance *The Awakening*, entre Edna Pontellier e Mademoiselle Reisz, acerca da pintura, quando aquela diz: "*I am becoming an artist*" (p. 102) e esta replica: "*Ah! an artist! You have pretensions, Madame.*" (p. 103). A dúvida de Mademoiselle Reisz não se referia, especificamente, aos dons ou ao talento natural de Mrs. Pontellier. Seu argumento pode ser entendido com base no contexto sociocultural da época: "*To be an artist includes much; one must possess many gifts - absolute gifts - which have not been acquired by one's own effort. And, moreover, to succeed, the artist must possess the courageous soul. (...) The brave soul. The soul that dares and defies.*" (p. 103).

As reflexões acima permitem entender o quanto *The Awakening* foi um livro revolucionário para sua época. "Generally recognized today as the first aesthetically successful novel to have been written by an American woman, it marked a significant epoch in the evolution of an American female literary tradition."²² As vozes que se cruzam no romance tecem a urdidura da cor local - os valores e leis da comunidade Creole, representados por Adèle - e a independência e criatividade artística - representadas por Mademoiselle Reisz: "Her voice in the novel seems to speak for the author's view of art and for the artist. It is surely no accident, foreexample, that it is Chopin's music that Mademoiselle Reisz performs."²³

Além dessas vozes, todas elas subjacentes a um erotismo que se espalha em situações cenas, cores, músicas e detalhes - a envolverem Edna Pontellier numa atmosfera de sensualidade e solidão - sobressai a voz de seu marido, Léonce Pontellier, diametralmente oposta. Ele representa a estabilidade financeira, o mundo dos negócios, o apego às aparências e tradições e às convenções da época estribadas na dicotomia mundo exterior masculino *versus* mundo doméstico feminino. Léonce Pontellier é o legítimo provedor.

Em certa ocasião, quando Edna o condena por sua extravagância, a propósito de um convite para "*to look at some new fixtures for the library*" (p. 86), ele responde: "*The way to become rich is to make money, my dear Edna, not to save it.*" (p. 86).

¹⁹*Id.*, *ibid.*, p. 304.

²⁰*Id.*, *ibid.*, p. 304.

²¹*Id.*, *ibid.*, p. 304.

²²SHOWALTER, Elaine. Tradition and the female talent. In: MARTIN, Wendy (ed.). Op. cit., p. 34.

²³*Id.*, *ibid.*, p. 46

Nesse sentido, Edna abomina o lazer ostentatório, o mundo doméstico da gaiola de ouro - marca de distinção e classe social, mas também, o mundo da mesmice existencial "*which never uplifted its possessor beyond the region of blind contentment*" (p. 91) e anseia saborear "*the taste of life's delirium.*"

Embora a trajetória de iniciação de Edna Pontellier, pelos caminhos da individualidade, da emancipação e da tentativa de quebrar a mítica feminina (*she paints, she lives alone, she goes out freely, she takes a lover whom she does not love, she talks and drinks like a man, etc.*) sua crise interior é sempre envolvida pela nebulosidade. É sintomática, no romance, a recorrência ao tempo em que a luminosidade é difusa. Giorcelli acentua que "*in the temporal dimension, the narration emphasizes the liminal time of day, the period of darkness between one day and another.*"²⁴

O drama de Edna Pontellier é não ser livre, a despeito de sua ânsia incontida pela liberdade. Sua morte não é uma fuga, mas a continuidade da busca. Por essa razão, dando voltas concêntricas sobre si mesma, no final da estória, há um retomar dos sonhos infantis e de memórias familiares. Para Edna, o bilhete de Robert, a paixão que não se realizou em comple-tude, foi a gota d'agua em sua solidão: "*Good-bye - because I love you*", ponderada pela conclusão: "*He did not know; he did not understand. He would never understand.*" (p. 189).

²⁴GIORGELLI, Cristina. "Edna's Wisdom: A Tradicional and Numinous Merging". In: MARTIN, Wendy. Op. cit., p. 114.

Igualmente, como mote contínuo, a imagem do mar se faz apelo e sedução: "*The touch of the sea is sensuous, enfolding the body in its soft, close embrace.*" Edna é tragada, na Noite Cósmica, pelo monstro arquetípico. Aos 28 anos, sua iniciação é uma retomada, às avessas, da busca da natureza humana. Em frente ao mar, despe-se de suas roupas, restos exteriores de aparência, e retorna - como nas origens - ao grande ventre das águas para descansar sua alma. Como "*a bird with a broken wing*", Edna afoga o corpo para que o espírito possa flunar livremente: "*How strange and awful it seemed to stand naked under the sky! How delicious! She felt like*

some new-born creature, opening its eyes in a familiar world that it had never known." (p. 188).

Edna cumpre o rito da iniciação, mas ambigualmente, às avessas, naquele "*undiscovered country*" onde as dores, as angústias e as opressões mundanas não encontram guarida.

Referências bibliográficas

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CHEVALIER, Jean e GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- CHOPIN, Kate. **The Awakening**. New York: Washington Square Press, 1998.
- CULLEY, Margaret (ed.). **The Awakening: A Norton Critical Edition**. Toronto: W. W. Norton & Company, 1976.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das mulheres no ocidente**. Porto Alegre: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GUERIN, Wilfred L., LABOR, Earle G. and MORGAN, Lee. **A handbook of critical approaches to literature**. New York: Harper & Row Publishers, 1966.

MARTIN, Wendy (ed.). **New essays on The Awakening**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

RANKING, Daniel D. **Kate Chopin and her Creole Stories**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1932.